

internacional

internacional@jornalcomercio.com.br

Ucrânia sugere cessar-fogo por ar e mar com a Rússia

Estados Unidos elogiam concessões 'promissoras' para o conflito

/ GUERRA DA UCRÂNIA

A delegação ucraniana liderada pelo presidente Volodymyr Zelensky chegou ontem à Arábia Saudita, para uma cúpula com os EUA sobre futuras negociações para encerrar a guerra com a Rússia. Segundo membros do governo ucraniano, Kiev deve sugerir uma proposta para uma trégua no ar e no mar. O chefe da diplomacia americana, Marco Rubio, considerou a proposta promissora.

"São opções de cessar-fogo fáceis de implementar e monitorar", indicou um funcionário ucraniano de alto escalão à AFP. Rubio, por sua vez, disse que a concessão, caso se concretize, será bem-vinda. "Não digo que seja suficiente, mas é o tipo de concessão que se necessita para pôr fim ao conflito".

Desde que o presidente Donald Trump retornou à Casa Branca em janeiro, os EUA têm se reaproximado da Rússia de Vladimir Putin. Como parte de sua agenda para pôr fim à guerra, o republicano abriu negociações com o Kremlin sem incluir ucranianos e europeus e pressionou Kiev a ceder direitos de exploração sobre suas riquezas minerais para custear a ajuda militar americana ao país.

Antes do Carnaval, Trump e Zelensky se reuniram na Casa Branca para assinar o acordo mineral, mas os dois se desentenderam sobre o papel da Rússia no conflito e bateram boca em pleno Salão Oval. Após a reunião, Washington



Presidente ucraniano ainda busca reatar os laços com Donald Trump

suspendeu a ajuda militar e parou de compartilhar dados de inteligência com Kiev. Nos últimos dias, já sem essas informações, a Ucrânia sofreu pesados ataques russos dentro do país e na área que ocupa em Kursk, dentro da Rússia.

Segundo uma fonte do governo ucraniano, se os EUA continuarem omitindo as informações de inteligência de Kiev, a Rússia ganhará uma "vantagem significativa" no campo de batalha. O chefe das Forças Armadas ucranianas, Oleksandr Syrski, anunciou que Kiev vai "reforçar" o contingente militar que luta na Rússia.

Enquanto isso, no front de batalha, os russos estão tentando cruzar a fronteira e se firmar na província ucraniana de Sumy, à medida que avançam em uma contraofensiva com o objetivo de eliminar a última posição de Kiev

na região russa de Kursk. Andrei Demchenko, porta-voz da guarda de fronteira do estado ucraniano, disse que as forças russas estavam tentando avançar em torno da aldeia ucraniana de Novenke e cortar as linhas de abastecimento.

Embora Moscou esteja tentando expulsar as forças ucranianas desde agosto, depois que Kiev tomou cerca de 1.000 km² do território russo em um ataque surpresa, um grupo de especialistas observou que sua taxa de sucesso melhorou drasticamente nos últimos dias. Na arena diplomática, Zelensky ainda tenta reatar os laços com Trump. O mandatário ucraniano, que também se encontrará com o príncipe herdeiro saudita, Mohamed bin Salman, acrescentou que a Ucrânia busca "a paz desde o primeiro segundo da guerra".

Mais de 30 nações se reúnem pela segurança ucraniana

Oficiais militares de mais de 30 países participarão das negociações em Paris sobre a criação de uma força internacional de segurança para a Ucrânia, informou um oficial militar francês. O objetivo dessa força será dissuadir a Rússia de lançar uma nova ofensiva após a implementação de um cessar-fogo na Ucrânia.

A lista de participantes nas reuniões desta terça, ainda deve contar com países da Ásia e da Oceania, que participarão remotamente. A diversidade internacional reflete o alcance com que a França e o Reino Unido, que estão colaborando nos planos para a força, estão buscando formar

uma coalizão de nações "capazes e dispostas", como descreveu o oficial francês, para ajudar a proteger a Ucrânia em caso de um cessar-fogo.

A força proposta pelos dois países poderia incluir armamentos pesados e estoques de armas que poderiam ser enviados rapidamente, em questão de horas ou dias, para reforçar a defesa da Ucrânia caso um ataque russo quebre qualquer trégua, explicou o oficial. O plano franco-britânico será apresentado aos oficiais militares de mais de 30 países.

A segunda parte das negociações será dedicada a discussões "mais precisas e concretas",

nas quais os participantes serão convidados a explicar se e como suas forças militares poderiam contribuir. "Não é, 'isso é o que precisamos'. É mais, 'o que você pode trazer para a mesa?'" afirmou o oficial.

Croácia e Montenegro, que foram convidados, não responderam e estarão ausentes. Os Estados Unidos não foram convidados, pois as nações europeias desejam demonstrar que podem assumir a responsabilidade por grande parte da estrutura de segurança pós-cessar-fogo para a Ucrânia. Austrália, Nova Zelândia, Japão e Coreia do Sul acompanharão as negociações remotamente.

Síria anuncia fim de ofensiva militar contra apoiadores de Assad

/ GUERRA

O Ministério da Defesa da Síria anunciou ontem a conclusão das operações militares para combater os apoiadores remanescentes do ditador deposto Bashar al-Assad e, de acordo com o governo, eliminar ameaças futuras.

Segundo um balanço atualizado pelo Observatório Sírio dos Direitos Humanos, que tem uma ampla rede de fontes na Síria, mais de 1.000 pessoas morreram desde a última quinta-feira, sendo 973 civis da minoria alauita, à qual pertence Assad, mortos pelas "forças de segurança e grupos aliados".

Ao menos 481 membros das forças de segurança e combatentes pró-Assad morreram nos combates, de acordo com o OSDH. As autoridades não divulgaram um balanço. O OSDH afirmou que esses civis foram assassinados por "motivos confessionais" por agentes de segurança e combatentes pró-governo, e que também houve "saque de casas e propriedades".

Após cobranças da Organização das Nações Unidas (ONU) e do governo americano, o governo interino sírio anunciou no domingo a formação de uma comissão para investigar as mais de mil mortes. O porta-voz do Ministério das Relações Exteriores do Irã, Esmail Baqaei, afirmou que "nada justifica os ataques contra comunidades alauitas, cristãs, drusas e outras minorias, que provocaram um profundo choque entre a opinião pública, tanto na região quanto a

nível internacional".

Baqaei negou que o país persa esteja por trás dos atos de violência na Síria, que deixaram centenas de mortos. "A acusação é completamente ridícula e rejeitada, e acreditamos que apontar o dedo acusador para o Irã e os amigos do Irã é uma ação equivocada, uma tendência para desviar e 100% enganosa", disse o porta-voz em entrevista coletiva.

A violência explodiu após um ataque executado na quinta-feira passada por partidários de Assad contra as forças de segurança perto de Latakia, cidade da região oeste do país e berço da minoria alauita. As autoridades enviaram reforços para apoiar as operações das forças de segurança contra os combatentes pró-Assad.

A Síria é formada por diversas comunidades - sunita, curda, cristã, drusa -, e uma delas, os alauitas, estavam fortemente representados no aparato militar e de segurança nos mais de 50 anos em que a família Assad esteve no poder -primeiro com Hafez al-Assad e depois com Bashar.

Bashar foi deposto em dezembro do ano passado por uma coalizão liderada pelo grupo islamista radical sunita HTS (Organização para a Libertação do Levante, na sigla em árabe), ex-brço sírio do grupo terrorista Al Qaeda. O líder rebelde Abu Mohammad al-Jolani, que agora atende pelo nome verdadeiro, Ahmed Hussein al-Sharaa, está à frente do governo provisório desde que Bashar deixou o país e se exilou na aliada Rússia.

Hamas quer iniciar negociações para segunda fase do cessar-fogo

O Hamas reafirmou "total compromisso" com o cessar-fogo no conflito contra Israel e disse estar pronto para "iniciar imediatamente" as negociações para a segunda fase do acordo. A mensagem, que foi transmitida pelo Telegram ontem, menciona que o primeiro-ministro israelense, Benjamin Netanyahu, está "obstruindo a implementação do acordo por motivos pessoais e políticos".

Na mensagem, o Hamas afirma que o acordo de paz foi mediado por intermediários e que cumpri-lo é a única maneira de garantir a libertação dos prisio-

neiros. "A linguagem da chantagem e das ameaças de guerra por parte da ocupação criminosa Israel não surtirá efeito. O único caminho é a negociação e o respeito ao acordo. Qualquer outra abordagem prejudicará o destino dos prisioneiros", menciona.

Com o fim da primeira fase, Israel cortou todos os suprimentos para Gaza e seus mais de 2 milhões de habitantes, enquanto pressionava o Hamas para aceitar o acordo. O grupo militante afirmou que a medida também afetaria os reféns restantes. Acredita-se que o Hamas tenha 24 reféns vivos e os corpos de outros 34.